

Itinerário IV | Lisboa Barroca e Pombalina

O percurso inicia-se no Terreiro do Paço, junto à **estátua de D. José**, obra-prima do estilo pombalino, em direcção ao Rossio, passando por uma das ruas: Augusta, da Prata, Áurea, observando o traçado geométrico da Baixa pós-terramoto.



Baixa de Lisboa.

No Rossio, entrar pela Rua do Carmo, subir a Rua Garrett em direcção ao Largo da Trindade, onde se pode visitar a **Igreja de São Roque** e imaginar o Convento da Trindade.

Aqui pode optar por uma de duas hipóteses:

– Hipótese 1

Passear pelas ruas do Bairro Alto, a caminho do Largo do Rato.

Optar por subir a Rua das Amoreiras e acompanhar o aqueduto e a visita à Mãe d'Água ou subir a Avenida Álvares Cabral, atravessar o Jardim da Estrela e visitar a **Basilica**.

Terminar o percurso com a visita ao **Museu da Cidade**.

– Hipótese 2

Apanhar o eléctrico 28, no Largo do Camões ao Chiado, atravessar algumas ruas da Baixa (as Ruas da Conceição e da Madalena, por exemplo), passar pela Sé e Igreja de Santo António, até às Portas do Sol.

Nos miradouros das Portas do Sol ver o casario de Alfama, Santo Estêvão e seguir até à **Igreja de São Vicente de Fora**. Visitar a igreja, atravessar o Campo de Santa Clara (percorrer a Feira da Ladra se for Terça-feira ou Sábado) até à Igreja de Santa Engrácia, Panteão Nacional.

● **Estátua equestre de D. José**

Foi inaugurada pelo Marquês de Pombal, em 1775, no centro da Praça do Comércio, com grande pompa, acompanhada por cortejos alegóricos, fogo de artifício, paradas militares e banquetes oferecidos ao povo e à corte, durante três dias.

O modelo foi desenhado por Eugénio dos Santos e executado por Machado de Castro.

Representa D. José montado a cavalo, com uma armadura que nunca usou. De cada lado do pedestal está representada a acção dos portugueses através de um cavalo que se impõe a guerreiros vencidos e, do outro lado, um elefante que derruba escravos. De um e de outro lado estão representados o TRIUNFO e a FAMA.

Em frente do pedestal foi colocado o brasão real e, por baixo, o medalhão de bronze de Pombal que viria a ser retirado depois da queda do onipotente ministro, aquando da morte de D. José e do seu afastamento da corte, em 1780, por D. Maria I, ano em que o superintendente da polícia, Pina Manique, inaugurou a iluminação pública de Lisboa, privilegiando a Baixa com 770 candeeiros.

Neste mesmo ano, Lisboa já tinha recuperado da perda demográfica provocada pelo terramoto, contando 150 000 habitantes.

● **Igreja de São Roque**

A **Igreja de São Roque** foi uma das primeiras igrejas jesuítas em Portugal, construída na segunda metade do século XVI no lugar onde D. Manuel, em 1505, tinha mandado edificar a ermida destinada a receber as relíquias de São Roque que protegeriam Lisboa da peste.

A construção da nova Casa Professa data de 1553, no reinado de D. João III, e visa substituir o Convento de Santo Antão, onde se acolhiam, até então, os jesuítas. Com um projecto inicial de três naves, de Afonso e Baltasar Álvares, é alterado por Filippi Terzi no reinado de Filipe I, que substitui por um de nave única, mais propícia à pregação, segundo o modelo da arquitectura jesuítica romana de Gesù, com fachada de frontão triangular sobre arquivade dórica.

Guarda um dos mais importantes conjuntos de relíquias de Santos Mártires reunidas pelos padres jesuítas.

Igreja de São Vicente de Fora



Pormenor de azulejo.

O Mosteiro de São Vicente foi mandado reedificar por Filipe I com verbas e materiais transferidos da Igreja de São Sebastião, que então se construía na Ribeira.

Por ser a primeira igreja construída por ordem deste monarca, pretendia-se dar à obra um carácter monumental. Juan de Herrera, arquitecto pessoal, é chamado para fazer a planta. A obra será dirigida por Filippi Terzi e, mais tarde, por Baltazar Álvares e Nunes Tinoco.

A igreja e o mosteiro são dedicados aos dois santos, São Sebastião e São Vicente. Este último representa um modelo contra-reformista do maneirismo romano concretizado por Vignola na Igreja de Gesú.

Tal como em São Roque, a igreja segue a planta de Gesú, excepto a capela-mor, alterada mais tarde.

Na nave única, abrem-se as capelas laterais comunicantes entre si e no cruzeiro levantava-se uma cúpula que o terramoto derrubou. Os arcos da capela estão separados por pilastras geminadas cujos capitéis invocam as setas de São Sebastião.

Na fachada clássica, levantam-se duas torres onde se destacam janelas de tímpanos triangulares ou semicirculares povoadas por santos e um pórtico de tríplice arcada.

A obra, iniciada em 1590, prolongou-se por todo o século XVII. Os acabamentos realizaram-se no reinado de D. João V, a cargo de Ludovice, que também edificou o altar barroco.

Aqui estão os reis da Dinastia de Bragança. É também Panteão dos Patriarcas de Lisboa.

São deste período ainda inúmeras obras religiosas de que destacamos: a reconstrução do Convento de São Domingos de Benfica, o Convento dos Paulistas, o Convento de São Bento da Saúde, transformado posteriormente no Parlamento e, já em finais do século XVII, a Igreja do Menino de Deus.

Igreja de Santa Engrácia (Panteão Nacional)



Vista geral.

As obras iniciaram-se em 1632, no Campo de Santa Clara (limite oriental de Lisboa, onde se fixou uma nova clientela nobre), voltado para o Tejo e para a margem sul, no local onde existia uma igreja mandada edificar em 1570 pela infanta D. Maria, filha de D. Manuel. A igreja só ficará terminada, depois de inúmeras vicissitudes, em 1696, com a conclusão da cúpula. As obras foram logo interrompidas em 1664. Em 1680 é lançada a primeira pedra da nova igreja mas, em 1681, um



Pormenor da coluna.

temporal fez ruir a capela-mor e o corpo da velha igreja. Será só na década de 90, com uma nova conjuntura, estabilidade política e recuperação da crise económica que as obras avançam definitivamente.

Tornada Panteão Nacional em 1916, durante a 1ª República, recebeu os corpos de Teófilo Braga, Sidónio Pais e Óscar Carmona.

A demora das obras deve-se, segundo uma lenda, a uma maldição lançada por um cristão-novo, Simão Solis, injustamente condenado por ser acusado de roubar o sacrário quando apenas se encontrava com uma freira do Convento de Santa Clara, ali ao lado.

Basílica da Estrela



Fachada da Basílica da Estrela.

Na origem do projecto, como em Mafra, está o desejo de D. Maria, que casara, em 1760, com o tio, o príncipe D. Pedro, de ter descendentes. O nascimento de D. José, dez meses depois de um voto feito ao Santíssimo Coração de Jesus, em 1761 (viria a morrer em 1788), tornou a decisão de construir a basílica uma das primeiras medidas tomadas quando D. Maria subiu ao trono.

As obras iniciaram-se em 1779 e prolongaram-se até 1790, de acordo com o projecto de Mateus Vicente, discípulo de Ludovice,

e foram dirigidas por Reinaldo Manuel dos Santos que se encarregou de terminar e remodelar o projecto a partir de 1786, depois de Mateus Vicente o ter abandonado por doença.

O projecto incluía a construção de uma basílica, de um convento e de um palacete.

A planta da igreja é cruciforme, com um átrio sobre o qual se eleva o coro. A fachada principal tem certa imponência coroada por um frontão central e duas torres sineiras rematadas por coruchéus barrocos. A parte mais notável é o zimbório que se eleva sobre o cruzeiro e cuja cúpula assenta sobre um tambor alto rematado por um lanternim com fogaréus. Dominam os mármore de várias cores, predominando o rosado e o cinzento, e o próprio pavimento é de mármore policromático. As capelas laterais são pouco cavadas, mas o transepto é de braços largos e profundos.

Aqueduto das Águas Livres



Aqueduto das Águas Livres.

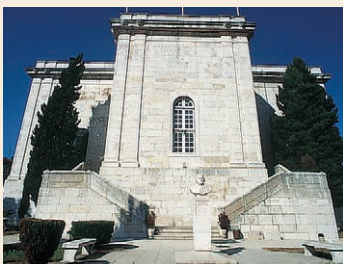
É ainda no reinado de D. João V que é resolvido o velho problema do abastecimento de água a Lisboa com a construção do **Aqueduto das Águas Livres**.

A ideia de abastecer Lisboa a partir da nascente de Caneças aparece no projecto de Francisco de Holanda “*Da fábrica que falece a cidade de Lisboa*”. A obra, iniciada em 1732, começou a abastecer Lisboa em 1748, ainda que a construção só tenha terminado em 1834.

O aqueduto atinge no vale de Alcântara o seu ponto mais monumental, com 35 arcos, 14 dos quais ogivais, que unem Campolide ao Alto da Serafina, vencendo o vale do rio Alcântara numa extensão de 941 metros.

Dois grandes depósitos de água foram construídos, a Mãe de Água Velha, na nascente em Caneças, e a Mãe d'Água Nova – nas Amoreiras, projectada pelo arquitecto húngaro Carlos Mardel.

Juntamente com o Bairro Alto, o aqueduto, terminado em 1748, resistirá à destruição provocada pelo terramoto de 1755.



Mãe d'Água.



Mãe d'Água (galeria interior).